



Cadernos de Estudos Africanos
ISSN: 1645-3794
cea@iscte.pt
Centro de Estudos Africanos
Portugal

Florêncio, Fernando
Palavras sobre Mário Murteira III
Cadernos de Estudos Africanos, núm. 25, 2013, pp. 1-3
Centro de Estudos Africanos
Lisboa, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293029210004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Cadernos de Estudos Africanos

25 (2013)
Varia e Recensões

Fernando Florêncio

Palavras sobre Mário Murteira III

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrônica

Fernando Florêncio, « Palavras sobre Mário Murteira III », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 25 | 2013, posto online no dia 09 Julho 2013, consultado o 11 Julho 2013. URL : <http://cea.revues.org/743>

Editor: Centro de Estudos Africanos
<http://cea.revues.org>
<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:
<http://cea.revues.org/743>

Documento gerado automaticamente no dia 11 Julho 2013. A paginação não corresponde à paginação da edição em papel.

© Centro de Estudos Africanos do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Fernando Florêncio

Palavras sobre Mário Murteira III

Paginação da edição em papel : p. 28-29

- 1 Não tenho outra pretensão neste texto senão a de relembrar um professor que me marcou e que me ajudou a desfazer preconceitos que eu tinha criado acerca da economia, a sua ciência de eleição. Não foi o professor Mário Murteira quem me introduziu nos estudos de economia, mas foi ele quem me ensinou a ler a “economia”.
- 2 A economia, sobretudo a economia política, já tinham entrado na minha vida desde cedo. No rescaldo do 25 de Abril de 1974, tinha eu então 15 anos, fazia parte da cartilha da vida estudantil ler Marx e *O Capital*, assim como Lenine, Trotsky, Mao, entre outros. No liceu, ninguém queria ser acusado de fascista nas famosas RGA, nem de herético, coisa que acontecia a quem não sabia pelo menos algumas noções mínimas das cartilhas marxistas, maoístas ou trotskistas. Li muito disso, e fartei-me, descontentei-me, e desviei-me para a anarquia, primeiro pela mão do Bakunin, e depois pela de Proust. Ler não é, obviamente, compreender, e no meu caso o ter lido muito, em parte não significa mais do que isso mesmo.
- 3 Mas o contacto com a economia, “ciência”, digamos assim, deu-se pela obrigatoriedade de ter uma disciplina de Introdução à Economia, na licenciatura de Antropologia Social, no então somente ISCTE, no ano de 1985. E o que me afrontou nessa altura foi a econometria, penso eu, pois passámos o ano com definições (PIB, PIN, e sei lá que mais) e o estudo do orçamento geral do estado (se é que se chama assim), balança de pagamentos, e mais uma carrega de noções e modelos que, a nós estudantes de antropologia, provocavam uma estranheza ácida irritante. Pois aquilo não tinha pessoas e servia para todas as sociedades. Modelos analíticos que pouco ou nada tinham a ver com a realidade. Sobretudo essa condição analítica da *etceteris paribus*, coisa que sempre me ficou na memória, e que só acentuava a minha dificuldade em entender como é que se pode entender a mudança de uma única variável e que tudo o resto se mantenha inalterável. Enfim, problema meu.
- 4 A economia com pessoas, a economia com conteúdo sociocultural, ou a economia social, essa é que me chegou pela mão do professor Mário Murteira, em 1992 no mestrado em estudos africanos, no ainda então somente ISCTE, numa disciplina sobre economia africana, mormente dos PALOP. Uma economia sem números, sem fórmulas modelares, mas com conteúdos e ideias (e ideais) sociais, e com pessoas. Economia do desenvolvimento, penso que era assim que a designavam, e que em grande medida respondia às minhas preocupações com as questões de natureza mais antropológica das relações económicas.
- 5 Depois disso fui-me cruzando com ele amiúde, ora pelo ISCTE ou até mesmo em Maputo, onde nos cruzámos ainda um par de vezes. Sempre interessado no nosso percurso, o meu e de alguns outros colegas. Sempre disponível para partilhar ideias e perscrutar opiniões.
- 6 Mas do professor Mário Murteira relembro, acima de tudo, uma finíssima ironia mordaz e uma desconcertante capacidade de questionar certezas e preconceitos. As minhas seguramente.

Para citar este artigo

Referência eletrónica

Fernando Florêncio, « Palavras sobre Mário Murteira III », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 25 | 2013, posto online no dia 09 Julho 2013, consultado o 11 Julho 2013. URL : <http://cea.revues.org/743>

Referência do documento impresso

Fernando Florêncio, « Palavras sobre Mário Murteira III », *Cadernos de Estudos Africanos*, 25 | 2013, 28-29.

Autor

Fernando Florêncio

Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Portugal

Direitos de autor

© Centro de Estudos Africanos do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
